

WERNECK, Vera. Rudge. (1982). *A ideologia na educação* – um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (1991). *O eu educado: uma teoria da educação fundamentada na fenomenologia*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.

6.77.

Título:

A inserção da modalidade semipresencial em uma graduação no Rio de Janeiro, suas alterações na proposta pedagógica e o trabalho docente

Autor/a (es/as):

Neves, Antonio Maurício Castanheira das [CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro]

Paim, Eliane [Centro Universitário da Serra dos órgãos]

Neves, Gabriel Bezerra [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]

Resumo:

A inserção da modalidade semipresencial em um curso de graduação de um Centro Universitário da Região Serrana do Rio de Janeiro, suas alterações na proposta pedagógica e as consequências no trabalho docente. O estudo realizou uma investigação sobre educação a distância (EAD) tendo como foco o Curso de Pedagogia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), localizado na cidade de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro (Brasil), que passou a ofertar 20% da carga horária a distância em função da implantação da modalidade de ensino semipresencial no ano de 2007. Desde a implantação até a conclusão da pesquisa foram realizados cursos de capacitação para os docentes, tendo como proposta discutir a utilização do ambiente virtual de aprendizagem. A pesquisa teve como objetivo responder as seguintes questões: Como a inserção da modalidade semipresencial alterou a proposta pedagógica e o trabalho docente no Curso de Pedagogia da instituição? Em que consiste o curso de capacitação para os docentes e como ele é oferecido? Para realizar essa pesquisa, foram considerados estudos e publicações de pesquisadores sobre EAD e também de autores que contribuíram para o entendimento da modalidade semipresencial. A pesquisa adotada, além de levantamentos de dados quantitativos, foi de cunho exploratório mediante estudo de caso, através da aplicação de um questionário, disponibilizado no próprio Ambiente *Moodle*, com perguntas abertas e de múltipla escolha para seis professores que lecionavam disciplinas semipresenciais, visando a obtenção de informações sobre o período em que realizaram o curso

de capacitação. A realização da presente pesquisa evidenciou o quanto a modalidade de ensino baseada na EAD está em expansão no Brasil. Os dados quantitativos sobre cursos ofertados, matrículas, instituições que ofertam cursos em EAD, dentre outros, demonstram a necessidade de ações públicas e privadas voltadas para o entendimento da atuação deste segmento. O que o estudo demonstrou é que ainda persiste a visão “tecnicista” do uso da tecnologia, ou seja, existe certa predominância em simplesmente saber se o discente sabe utilizar a máquina (ligar, desligar, executar programas, etc.), quando deveríamos estar atentos para uma utilização pedagógica. Preocupações com aspectos relacionados à infra-estrutura são importantes, mas aquele que deveria estar diretamente envolvido com as propostas, o docente, deve ser mais do que lembrado, deve ser inserido diretamente nas discussões. A participação do docente é essencial para que a qualidade dos cursos ofertados não fique limitada somente às questões técnico-operacionais, mas também aos aspectos pedagógicos que fazem a diferença entre um curso “com” ou “sem” qualidade. Para isso, capacitar o professor (ou outra nomenclatura que se deseja utilizar) é essencial, pois como participar de algo do qual não se conhece? Talvez a resposta de outras pesquisas que envolvam a resistência dos professores sobre as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) tenha, nesta questão, um ponto importante a ser levado em consideração. Avaliar aspectos como: evolução histórica, iniciativas e ações públicas e privadas em desenvolvimento e, principalmente, o papel do docente, são questões que devem constar em pesquisas e estudos sobre EAD.

Palavras-chave:

Ensino Superior; Educação a Distância; Formação de Professores.

Introdução

Com a expansão da modalidade de ensino baseada na EAD, principalmente com a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação, diversos fatores acabaram sendo direta ou indiretamente influenciados. Instituições educacionais que, até então, tinham sua história acadêmica baseada no ensino presencial, passaram a utilizar a EAD como opção de ensino para os seus cursos. Diante disto, a função docente também passou por consideráveis mudanças, tendo em vista as particularidades que o ensino *on-line* possui, pois, paralelo ao crescimento dos cursos, verificou-se também o aumento do número de docentes envolvidos.

Problemática

O presente estudo teve como objetivo realizar uma investigação sobre a expansão da função docente nas instituições de ensino superior no Brasil, focando o período compreendido entre os anos de 2005, 2006 e 2007.

Sabendo que diferentes fatores podem contribuir para a questão da expansão da função docente, foi realizada uma análise sobre como ocorre a qualificação para o docente que leciona ou lecionará disciplinas na modalidade a distância ou semipresencial, tendo sido escolhido, como curso a ser pesquisado, o Curso de Graduação em Pedagogia, ofertado pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), localizado na cidade de Teresópolis, RJ.

Com a implantação da modalidade semipresencial no ano de 2007, com posterior ampliação das disciplinas ofertadas a distância e o aumento do número de docentes envolvidos, foram realizadas, no UNIFESO, algumas ações institucionais voltadas para as propostas constantes no novo projeto político pedagógico do referido curso.

No UNIFESO, o estudo abrangeu, inicialmente, os anos de 2007 e 2008, pois a implantação da modalidade semipresencial e a realização das qualificações para os docentes foram desenvolvidas, respectivamente, nos anos mencionados. O ano de 2009 também foi contemplado na pesquisa, dentro do âmbito da instituição, visto que existem propostas em andamento e que envolvem as disciplinas semipresenciais. Ampliando as análises dos dados para outras localidades e instituições no Brasil, os anos de 2005 e 2006 foram incluídos, tendo como objetivo a busca por dados oficiais sobre a expansão da função docente em EAD. Também foram analisados dados coletados sobre seis professores do Curso de Graduação em Pedagogia que lecionam disciplinas semipresenciais.

Metodologia

Para realizar as pesquisas, foram considerados estudos e publicações não somente de pesquisadores sobre a EAD, mas também aqueles que contribuíram para o entendimento da metodologia aplicada.

Neste sentido, foram utilizadas as pesquisas de Bernardete Gatti, que realizou abordagens sobre os estudos que envolvem pesquisas quantitativas nos diversos segmentos da educação. De acordo com a autora, o método quantitativo pode ser caracterizado como uma forma de pesquisa que utiliza a quantificação seja durante a coleta ou no tratamento dos dados (2004, pg. 14).

No que tange às pesquisas sobre o ensino superior especificamente, Segenreich (2006, pg. 164) observa que “é grande a carência de dados quantitativos e qualitativos sobre a presença da EAD no sistema de educação superior”, corroborada por Gatti que afirma que as pesquisas com caráter quantitativo não são muito utilizadas no meio educacional, o que significa que a maioria dos dados obtidos não são trabalhados como deveriam, pois acabam refletindo parte da realidade, visto que podem ser influenciados por quem escreveu ou simplesmente por questões ideológicas.

Partindo da premissa de que uma pesquisa implica na utilização de, não somente uma, mas diversas metodologias, a pesquisa de cunho qualitativo também esteve inserida na perspectiva de uma análise sobre a expansão da função docente na EAD, pois, segundo Minayo “do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como não há continuidade, entre investigação quantitativa e qualitativa. Ambas são de natureza diferente.” (2009, pg.247)

Sob essa perspectiva, os dados coletados sobre os docentes do curso de graduação em Pedagogia do UNIFESO foram analisados utilizando-se o estudo descritivo mediante estudo de caso, levando em consideração que este mesmo estudo pode ser considerado como um exemplo representativo de outros casos semelhantes.

A pesquisa adotada, além de levantamentos de dados quantitativos, foi de cunho exploratório, realizando entrevistas com os docentes, visando à obtenção de informações através das experiências vividas por cada um.

Ao realizar um levantamento sobre os docentes que lecionam disciplinas semipresenciais no UNIFESO, dentro da proposta do método qualitativo, tivemos a possibilidade da realização de uma análise dos atores envolvidos no estudo.

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO, 2009, pg.244).

Para que a constatação sobre a expansão da função docente na EAD fosse delineada, enfocando os anos de 2005, 2006 e 2007, observaram-se aspectos como, por exemplo, a expansão, não somente da função docente, mas também de outros aspectos da EAD neste período, que se tornaram informação substancial para o presente projeto.

As pesquisas foram realizadas tendo como base, para sua fundamentação teórica, autores como Maria Luiza Belloni, Léa Fagundes, José Armando Valente, Maria Elizabeth de Almeida, José Manuel Moran, Luiz Antonio Cunha, Bernardete Gatti, Maria Cecília Minayo, Stella Cecília Duarte Segenreich, dentre outros. Os dados divulgados no site do INEP também foram analisados, visto que oferecem informações oficiais sobre a EAD. Também foram realizados levantamentos documentais no próprio UNIFESO.

Relevância e pertinência do trabalho para a área de pesquisa

A inserção de tecnologias nos processos educacionais precisa, de acordo com Almeida (2007), primeiramente, do entendimento de todos os envolvidos sobre o que este tipo de “recurso”, incluindo suas potencialidades e limitações, pode trazer para a sala de aula, sem esquecer toda a

bagagem histórica que a modalidade de ensino a distância já possui. “O impulso sofrido pela EAD nas últimas décadas do século XX reacendeu as discussões em torno de suas qualidades e/ou deficiências em comparação com o ensino presencial” (GOUVÊA, 2006, pg.61). Sabemos o quanto este tipo de posicionamento pode e gera situações extremamente delicadas, tendo em vista que uma modalidade não deve ser comparada à outra. Este tipo de discussão em torno do argumento se uma é “melhor” que a outra, na verdade, está diretamente relacionado ao fato de que existe certa desconfiança, por parte de alguns educadores e gestores, sobre a EAD não contar, diretamente, com a presença física do docente e do estudante, quando a discussão deveria girar em torno da qualidade do ensino, independentemente de questões de espaço, tempo e distância física.

Aspectos como os mencionados anteriormente são pontuais, mas outros também devem ser discutidos, tais como: O que queremos do nosso alunado diante de tantas mudanças trazidas pelas tecnologias? Talvez a resposta para este tipo de pergunta fosse algo relativamente trivial: queremos alunos aptos para este mundo tecnológico! Mas a prática nem sempre reflete a teoria.

Os projetos já implantados (e amplamente divulgados) que envolvem a inserção das tecnologias nas escolas refletem uma postura muito comum, tanto no âmbito das instituições públicas, quanto das privadas: num primeiro momento a preocupação está centralizada na estrutura física do local escolhido, das condições de segurança e funcionamento. Após superar esta etapa os estudantes são convidados a participar deste “novo mundo”, onde novas possibilidades são apresentadas. Infelizmente é muito comum, no meio do caminho, um importante componente desta “engrenagem” ser total ou parcialmente esquecido: o professor.

Além da preocupação válida sobre as condições físicas e sobre se os nossos discentes estão preparados ou não para a tecnologia educacional, deveríamos, principalmente, envolver o professor para que ele pudesse compreender o que a tecnologia poderia trazer de contribuição e como ele poderia incorporá-la à sua prática.

Que estudante afinal queremos e/ou temos? Estudantes passivos diante de máquinas que “fazem tudo” por eles? Ou questionadores, que querem e precisam entender as implicações que a utilização das máquinas traz na vida pessoal, acadêmica e profissional de todos?

Segundo Sancho (2006), o conhecimento da utilização das máquinas e dos equipamentos eletrônicos é apenas o início, bem tímido, em relação a todos os outros desafios que surgem. No entanto, não adianta a escola adquirir equipamentos tecnológicos, bem como outros materiais pedagógicos sofisticados e atualizados. É preciso ter professores capazes de atuar e de recriar ambientes de aprendizagem. É necessário formar professores críticos, reflexivos, autônomos e criativos para buscar novas possibilidades, novas compreensões, e que possam contribuir para o processo de mudança do sistema educacional.

Os próprios cursos de pedagogia vêm demonstrando esta necessidade do re-pensar do educador. Se antes, encontrávamos futuros pedagogos interessados em simplesmente aprender o que era tido como “tradicional” no âmbito escolar, agora percebemos que eles querem ir além. Sabemos que diante de tantas mudanças trazidas pelas tecnologias da informação e comunicação, surgiram inúmeras possibilidades de potencializar os recursos do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, para o educador torna-se imprescindível reavaliar seu papel diante das mudanças trazidas pela tecnologia. Este mesmo educador precisa refletir constantemente sobre sua prática pedagógica, pois, segundo Leite (2004), a dinâmica da sociedade tecnológica em que vivemos nos traz desafios referentes ao tipo de formação e reflexão necessárias para capacitar os educadores e a inseri-los nos contextos das novas modalidades de ensino, como a EAD.

O mesmo educador, diante dos desafios que surgem, precisa ter o conhecimento necessário para ajudar seus estudantes no desenvolvimento da sua criatividade e sentido de responsabilidade perante situações que podem apresentar determinado grau de complexidade, principalmente quando vinculadas à mídia.

De acordo com Almeida (2005), mas do que seguir normas práticas, o educador tem, em suas mãos, a oportunidade de realizar práticas do uso dessa tecnologia com seus estudantes, e ir mais além: refletir durante a ação e aprender com o seu uso, trazendo reflexões para discutir com todo o grupo.

O que acabamos verificando é que ainda persiste a visão “tecnicista” do uso da tecnologia, ou seja, existe certa predominância em simplesmente saber se o educando sabe utilizar a máquina (ligar, desligar, executar programas, etc.), quando deveríamos estar atentos para uma utilização verdadeiramente pedagógica.

Pensar dessa forma não é simples. De acordo com Kenski (2007), fomos preparados para repetir o passado, para “fragmentar” nossos pensamentos e nossas ações e para ter uma compreensão linear e racional dos acontecimentos. Com o avanço tecnológico, a noção de tempo e espaço tornou-se tão dinâmico quanto o próprio conhecimento.

O professor depara-se com estudantes que não admitem mais aquela aula “tradicional”, onde o docente apenas realiza uma exposição oral de determinada temática e espera que seus educandos se limitem a anotar e aceitar tudo passivamente. Os estudantes querem muito mais. Eles esperam que diante dos avanços tecnológicos tão divulgados pela mídia, as aulas sejam ministradas com mais dinamismo, com utilização de recursos que enriqueçam um determinado conteúdo. Podemos imaginar uma aula sobre biologia, onde o estudante não apenas “escuta” do seu mestre o que consta num determinado livro, mas também tem ao seu alcance a possibilidade

de visualizar imagens através de uma apresentação eletrônica ou navegar por um site de pesquisa e localizar informações atualizadas.

As mudanças trazidas pela tecnologia na educação são visíveis, quer seja a utilização de recursos mais “tradicionalistas” como materiais impressos ou outros mais sofisticados, como os ambientes virtuais de aprendizagem. Conseqüentemente outros desdobramentos surgiram e outras áreas foram envolvidas ou mesmo expandidas, como, por exemplo, a educação a distância.

Regulamentação da EAD no Brasil

Provavelmente nunca ouvimos e vivenciamos o surgimento de tantos projetos sobre EAD. Habitamos, hoje, uma sociedade denominada por muitos de tecnológica (Leite, 2004), e tudo que nos remete direta ou indiretamente à tecnologia, torna-se alvo de estudos e pesquisas.

Segundo dados publicados no site do Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE), as primeiras normas sobre a EAD no Brasil surgiram na década de 60, com o Código Brasileiro de Comunicações (Decreto-Lei nº. 236/67) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5.692/71).

De acordo com Gouvêa (2006), o ano de 1996 pode ser considerado um ano importante para a EAD, em termos legais, já que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a institucionalizou em alguns níveis de ensino.

Para Fragale Filho (2003), destacam-se algumas ações do governo federal acerca da formação de uma política para a EAD no Brasil, além da LDB 9.394/96, que inseriu a EAD no sistema educacional brasileiro, como também várias portarias e decretos que foram sendo publicados, buscando oferecer maior esclarecimento acerca dessa modalidade. Assim, no ano de 1998, houve, por parte do governo, uma tentativa de definir a EAD por meio da portaria 2.494/98, posteriormente revogada pelo Decreto 5.622 de 19/12/2005.

No que se refere ao ordenamento legal, e às conseqüentes políticas públicas dele advindas, alguns pontos devem ser destacados, principalmente no que se refere a recente promulgação do Decreto 5.622, em 2005, e da Portaria 4.059 de 2004, que trouxeram alterações na definição de alguns procedimentos (GOUVÊA, 2006, p.53).

A nova LDB (Lei 9.394/96) permitiu avanços, admitindo que existisse a EAD em todos os níveis. O artigo mais expressivo é o de nº. 80 que estabelece que "O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e

modalidades de ensino, e de educação continuada” (LDB, 2006, p. 59). Objetivando a sua regulamentação, o Executivo Federal baixou, em 10 de fevereiro de 1998, o Decreto nº. 2.494, vindo, pouco mais tarde, a ser modificado pelo Decreto nº. 2.561.

Ainda segundo Fragale Filho (2003), em 2001, por meio da Portaria 2.253/01 foi aberta a possibilidade para que 20% da carga horária dos cursos presenciais pudessem ser realizadas à distância. Porém, essa portaria não esclarecia se os 20% se referiam à carga horária de cada disciplina ou se isso correspondia ao total da carga horária do curso. Então, em 2004, a Portaria 4.059/04, atualmente em vigor, passou a estabelecer que esses 20% se referiam ao total da carga horária de um curso, devendo a instituição organizar o currículo de maneira que a soma da carga horária do curso destinada às atividades por meio da EAD não ultrapasse 20%. Assim, por exemplo, dependendo da organização da grade curricular, poderá haver uma disciplina utilizando 30% de seu horário à distância, enquanto uma outra poderá utilizar apenas 10%, ou seja, há uma flexibilidade para que cada instituição e cada disciplina utilizem e organizem sua carga horária conforme sua necessidade.

A questão da oferta de até 20% da carga horária dos cursos de graduação à distância ainda é um tema que gera muitas discussões, pois mesmo os órgãos competentes não dispõem de dados oficiais sobre o número de instituições de Ensino Superior (IES) que estão oferecendo este tipo de modalidade na grade curricular de seus cursos (SEGENREICH, 2006).

Segundo informações disponíveis no site do MEC, no caso da oferta de cursos de graduação e educação profissional em nível tecnológico totalmente à distância, a instituição interessada deve credenciar-se junto ao Ministério da Educação, solicitando, para isto, autorização de funcionamento para cada curso que pretenda oferecer. O processo será analisado na Secretaria de Educação Superior, por uma Comissão de Especialistas na área do curso em questão e por especialistas em educação à distância. O Parecer dessa Comissão será encaminhado ao Conselho Nacional de Educação. O trâmite, portanto, é o mesmo aplicado nos cursos presenciais. A qualidade do projeto da instituição será o foco principal da análise. Para orientar a elaboração de um projeto de curso de graduação à distância, a SEED elaborou o documento *Indicadores de Qualidade* para cursos de graduação à distância.

No ano de 2005, deu-se um salto qualitativo com a assinatura do Decreto 5.622/05, no qual a EAD é definida e regulamenta-se o artigo 80 da LDB 9.304/96, que é considerado, hoje, o principal instrumento norteador para a criação de cursos na modalidade de EAD.

Expansão dos cursos de graduação em EAD no Brasil

A expansão do ensino superior, conforme ressaltado por Segenreich e Castanheira (2009), pode ser observada não somente na modalidade baseada na EAD como também nos cursos

presenciais, sendo verificado um crescimento no setor privado, no período de 1996 a 2006, na ordem de 324,2%, enquanto que no setor público este percentual, no mesmo período, foi de 120%. São números que evidenciam o crescimento da oferta dos cursos de graduação nos últimos anos, onde a EAD tem um destaque especial quando comparados os respectivos percentuais referentes ao triênio 2005, 2006 e 2007: na educação presencial o crescimento foi de 9,5%, 8,3% e 6,3% para a evolução do número de IES, respectivamente, enquanto que a EAD apresentou, no mesmo período, um crescimento de 55,3%, 5,5% e 26% (INEP).

Conforme já mencionado no item anterior, diversas iniciativas têm surgido nos últimos anos visando a ampliação da oferta de cursos na modalidade EAD, conforme evidenciam os dados constantes no gráfico a seguir:

De acordo com Segenreich (2006), em 2003 havia 15 instituições credenciadas para a oferta de cursos de graduação à distância. No ano seguinte, 2004, foram concedidos 27 novos credenciamentos, evidenciando uma expansão da modalidade no país.

Podemos observar, segundo dados publicados no site do INEP, que em 2007 as seguintes áreas se destacaram na oferta de cursos à distância: agricultura e veterinária; ciências sociais, negócios e direito; ciências, matemática e computação; educação; engenharia, produção e construção; humanidades e artes; saúde e bem estar social; serviços.

No mesmo ano, 2007, de acordo com o Censo da Educação Superior do INEP/MEC, 97 instituições ofertaram cursos na modalidade EAD, totalizando 408 cursos nas áreas mencionadas anteriormente. “Comparado ao ano de 2006, foram criados 59 novos cursos à distância, representando um aumento de 16,9% no período” (INEP, 2007, p. 19).

No mesmo Censo realizado no ano de 2007, o INEP ressalta que

O crescimento no número de vagas da educação à distância deu prosseguimento a um aumento que se observa desde 2003. Nesse período registrou-se uma variação de 6.314% no número de vagas ofertadas. Contudo, até o momento do censo 2007, o número de inscritos e o número de ingressos não acompanhou o mesmo ritmo de crescimento. Enquanto em 2006 foram registrados 0,53 candidatos para cada vaga, no ano posterior, essa relação foi de 0,35. (INEP, Resumo Técnico, 2007, p.19).

Dados sobre o número de docentes atuando especificamente na EAD ainda constituem um ponto delicado nas pesquisas divulgadas. Em muitas instituições que ofertam os mesmos cursos de graduação presencialmente e à distância, são os mesmos professores que lecionam as disciplinas nas duas modalidades, incluindo numa única jornada de trabalho a carga horária presencial e não-presencial. Segundo dados publicados no site da ABRAED, no ano de 2006,

havia 51 alunos, em média, para cada função docente, um número abaixo do verificado, pela mesma pesquisa, no ano de 2005, quando a proporção era de 73/1. Vale destacar, a título de comparação, visto que o ano de 2004 não está dentro do período analisado pelo presente estudo, que segundo a mesma fonte, o número de funções docentes por aluno, em 2004, era de 39/1, demonstrando que existe uma questão que deve ser levada em consideração: se o número de cursos na modalidade EAD vem crescendo nos últimos anos, conforme publicações oficiais, o aumento do número de alunos por função docente, se compararmos os anos de 2004 e 2006, por exemplo, deveria ser um fator preocupante, principalmente quando discutidos aspectos como qualidade, evasão, dedicação e expansão docente. Dificilmente professores desmotivados, com baixos salários, com um número grande de alunos para lecionar, sem condições adequadas de estrutura física e pedagógica e sem incentivos de nenhuma ordem, se sentirão instigados a conhecer o que as tecnologias têm para oferecer em toda a sua amplitude e não apenas na simples utilização do software de apresentação de slides, por exemplo, para tornar a aula mais “colorida”, como tem sido verificado frequentemente.

Conforme destaca Gouvêa (2006, p. 106), “A EAD poucas vezes está na pauta das universidades públicas de forma ampla, e raramente está presente na formação da maioria dos futuros professores”. Como mudar esta realidade? Será que os cursos de capacitação oferecidos por algumas instituições contemplam este aspecto?

Consideração final: os diversos “papéis” que o docente assume na EAD

Outra questão que encontra diferentes abordagens é a terminologia utilizada para definir o docente que atua na EAD: tutor, mediador, facilitador, conteudista, designer instrucional, e outras mais que podem ser encontradas nas literaturas disponíveis.

Mesmo encontrando tantas “opções” para definir o papel do docente na EAD, o que irá determinar esta ou aquela estrutura está diretamente relacionado a dois fatores: o projeto político pedagógico e a estrutura organizacional da instituição.

Belloni (2008) destaca a divisão do trabalho docente, num primeiro momento, em duas dimensões: aquele que prepara e é o autor dos componentes curriculares na web e aquele que é o responsável pela orientação e acompanhamento das atividades.

Instituições de pequeno porte costumam adotar um modelo mais compacto, onde o professor assume, muitas vezes, várias (ou mesmo todas) funções: é ele quem produz e edita o material (conteudista), desenvolve as atividades na plataforma virtual (designer instrucional), realiza a mediação das propostas (mediador e facilitador), etc.

Referências bibliográficas

- ABRAED. Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância. **Um em cada 73 brasileiros estuda a distância.** Disponível em: <<http://www.abraead.com.br/noticias.cod=x1.asp>>. Acesso em: 12/07/2009.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In.: VALENTE, José Armando (org.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias.** São Paulo: Avercamp, 2007.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth; MORAN, José Manuel (org). **Integração das tecnologias na educação.** Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.
- AZEVEDO, Solange Coelho de; QUELHAS, Osvaldo Luís Gonçalves. **Uma visão panorâmica da educação a distância no Brasil.** Revista Brasileira de Tecnologia Educacional, ano XXXII, nº 163/166, out/2003-set/2004.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância.** 5.ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.
- BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da educação:** Lei 9.394/96. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- BRITO, Gláucia da Silva. **Educação e novas tecnologias: um re-pensar.** Curitiba: Ibipex, 2006.
- CARVALHO, Gicele Faissal; ANTUNES, Kátiuscia C. Vargas; ROCHA, Maria Beatriz de Moraes *et al.* **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia; 2007.** Teresópolis: Centro Universitário Serra dos Órgãos, 2007.
- FRAGALE FILHO, Roberto. **Educação a Distância: análise dos parâmetros legais e normativos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GOUVÊA, Guaracira; OLIVEIRA, Carmen Irene de C. **Educação a distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior: 2007.** Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior>> . Acesso em: 10/06/2009.
- IPAE - Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação. Disponível em: <<http://www.ipae.com.br/>>. Acesso em: 10/04/2009.
- KENSKI, Vani Moreira. **Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem.** 2005. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>. Acesso em: 19/07/2007.

- _____. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- LEITE, Lígia Silva; SAMPAIO, Mariza. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LEITE, Lígia Silva (coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LORENZONI, Ionice. **Formação a distância ao professor rural**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=12124&interna=6>. Acesso em: 26/02/2009.
- MEC. Ministério da Educação e Cultura. **Formação pela Escola**. Disponível em: <http://www.cted.educacao.rj.gov.br/publico/apresenta_fnde.asp>. Acesso em: 05/03/2009.
- _____. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 14/07/2009.
- MORAN, José Manuel. Contribuições para uma pedagogia da educação *on-line*. In: SILVA, Marco (org.). **Educação on-line**. São Paulo: Loyola, 2003.
- SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições de história**. <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1048/950>>. Acesso em: 25/02/2009.
- SEGENREICH, Stella Cecília Duarte. **Desafios da educação à distância ao sistema de educação superior**: novas reflexões sobre o papel da avaliação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT11-2012--Int.pdf>>. Acesso em: 14/07/2009.
- TRACTENBERG, Regis. **Uma análise qualitativa do PROINFO em escolas estaduais do Rio de Janeiro**. In.: Revista Brasileira de Tecnologia Educacional. S.l.: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, ano XXXI, nº 161/162, Abril/2003 – Setembro/2003, pg.111-124.
- UNIFESO. Centro Educacional Serra dos Órgãos. **... de 1966 aos dias de hoje**. Disponível em: <<http://www.feso.br/unifeso/instituicao/index.html>>. Acesso em: 10/11/2008.

UNIREDE. Universidade Virtual do Brasil. Disponível em: < <http://www.unirede.br>> . Acesso em: 10/03/2009.

6.78.

Título:

Metodologia de ensino na docência universitária: os desafios da qualidade na formação de professores do ensino superior

Autor/a (es/as):

Nez, Egeslaine de [UFRGS/UNEMAT]

Silva, Vanessa do Nascimento [UNEMAT]

Resumo:

O processo de aprendizagem vem se modificando com o decorrer do tempo, há uma busca no intuito de aprimorar sua qualidade nos diversos níveis de ensino, e na universidade não poderia ser diferente, pois, a temática da qualidade de ensino do ensino superior vem sendo discutida em âmbito nacional e internacional. Esse fato é perceptível através da realização de eventos, de grupos de estudos e de seminários realizados periodicamente com ênfase na docência, na pedagogia universitária e na formação pedagógica dos professores. Este artigo tem como objetivo evidenciar a importância da metodologia de ensino e da pedagogia universitária, além disso, buscar refletir sobre a percepção dos professores acerca da docência universitária. Pretendeu-se, também identificar se os docentes utilizam metodologias diferenciadas em sala de aula com vistas à aprendizagem dos discentes. A problemática desta pesquisa transita no universo dos professores e de suas práticas pedagógicas em sala de aula do ensino superior, reforçando a idéia de que devem ter em sua formação, saberes didático-metodológicos que auxiliem no processo de ensino aprendizagem de seus discentes. Para tanto, no desenvolvimento deste artigo foram aplicados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e coleta de dados através de questionários, com abordagem de análise quali/quantitativa. Num primeiro momento, a pesquisa bibliográfica teve como intuito fundamentar a temática proposta confirmando a relevância da metodologia no processo ensino aprendizagem no ensino superior. Depois, passou a fazer parte do universo da pesquisa, a pedagogia universitária, que contribuiu para as reflexões propostas. Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo através de questionários semi-estruturados, respondidos por professores de vários estados brasileiros, de diferentes cursos, em instituições públicas e privadas. Esse levantamento voltou-se para a temática da metodologia de ensino, buscando conhecer o pensamento dos professores sobre a relação conteúdo-método, instigando-os a descrever como direcionam seus trabalhos na sala de aula universitária. Diante dos resultados